



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literatura
Monografia em Literatura

MÁRIO MELO BUENO DIAS

**O efeito da “não significação” no conto O ex-mágico da Taberna Minhota
de Murilo Rubião**

Brasília – DF

2015

MÁRIO MELO BUENO DIAS

**O efeito da “não significação” no conto O ex-mágico da Taberna Minhota
de Murilo Rubião**

Monografia apresentada ao
Departamento de Teoria Literária e
Literatura como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Letras.

Professor Orientador: Ricardo Araújo

Brasília – DF

2015

Dias, Mário Melo Bueno.

O efeito da “não significação” no conto O ex-mágico da Taberna Minhota de Murilo Rubião / Mário Melo Bueno Dias. – Brasília, 2015.
16 f. : il.

Monografia (licenciatura) – Universidade de Brasília,
Departamento de Teoria Literária e Literatura, 2015.

Orientador: Prof. Ricardo Araújo, Departamento de Teoria
Literária e Literatura.

1. Literatura Brasileira. 2. Murilo Rubião. 3. Reflexo 4. Gênese.

*“Lida no doido afã!
Vamos! Investe, vai contra os moinhos de vento!
Um dia tu verás que tudo é sombra vã,
Tênie fumo que a morte assopra num momento...” -
Mário Quintana*

RESUMO

Pretende-se analisar de que modo o olhar do ex-mágico da Taberna Minhota para si, ao incertamente surgir diante de um espelho, lhe revela uma realidade destituída de sentido, a qual, no entanto, parece ser posteriormente significada por causa do arrependimento.

Palavras-chave: 1. Literatura Brasileira. 2. Murilo Rubião. 3. Reflexo 4. Gênese.

SUMÁRIO

1	METODOLOGIA	7
2	INTRODUÇÃO	8
3	O TERRENO DO FANTÁSTICO.....	9
4	OS EFEITOS DA NÃO SIGNIFICAÇÃO.....	10
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
	REFERÊNCIAS.....	16

1 METODOLOGIA

A crítica vem analisando os contos de Murilo Rubião no âmbito do fantástico e do realismo maravilhoso. Tendo isso em vista, serão mencionados, neste texto, os livros Introdução à Literatura Fantástica, escrito por Tzvetan Todorov, O realismo maravilhoso, de Irleamar Chiampi, e O mito do Eterno Retorno, de Mircea Eliade. Além disso, para estabelecer algumas comparações, serão utilizados os contos de Machado de Assis (1839-1908) e de Guimarães Rosa (1908-1967), ambos intitulados O espelho.

2 INTRODUÇÃO

No século XIX, os escritos literários fantásticos vieram permeados de pessimismo e desencantamento. Assim, os temas dessa literatura traziam situações inquietantes, em que havia o medo causado pela incerteza diante de acontecimentos estranhos, de modo que não raro a explicação desses podia ser embasada em elementos tanto do real quanto do sobrenatural. Embora as causas de tal incerteza variasse, o fatalismo e a insatisfação com o mundo podem ser deslumbrados.

Nesse contexto, Guy Maupassant (1850-1893), contista francês, elabora em seus contos situações inquietantes, como ocorre n'O Horla, em que é figurada a possibilidade de novos seres - invisíveis e superiores - dominarem a realidade humana, sendo que o alimento para essa nova raça seriam os seres humanos. O alemão E.T.A Hoffman (1776-1822) também abre portas da incerteza. Num de seus contos, permeada de acontecimentos insólitos, há a morte de um rapaz que, desde criança, acredita ser o antigo chefe de seu pai o homem de areia. Assim, quando representada nas obras, as portas para a incerteza se abrem, dando abertura para a visualização de diversas ocorrências estranhas.

Um dos aspectos que se ressaltam no conto *O ex-mágico da Taberna Minhota* de Murilo Rubião (1916-1991) se liga à estranheza da **gênese** desse ex-mágico e ao que ela conduz. Conforme conta o próprio mágico, o qual funciona como narrador da história, essa concepção ocorre quando o personagem entra na taberna mencionada e se vê diante de um **espelho**, tendo, dessa forma, a primeira noção de sua existência. No entanto, esse modo de surgimento vem juntamente com o **tédio e a amargura**, fatos que fazem com que o mágico busque o suicídio.

3 O TERRENO DO FANTÁSTICO

Antes de desenvolver as questões relativas aos efeitos desse **surgimento**, importa, ainda, discutir o **modo** como ele é narrado. Tal discussão se mostra importante porque, ao ler o conto, o leitor encontrará, a partir da maneira como é contada a gênese do personagem, dois modos de enxergá-la e interpretá-la, o que suscitará uma dúvida em si. É, portanto, por meio da incerteza que o contista mineiro se insere no gênero fantástico.

Nesse sentido, Murilo Rubião dissolve a certeza conduzindo o leitor por um solo sem muita consistência, por meio de seu discurso repleto de **ambiguidades** e de **lacunas**. Dessa maneira, depois de o personagem se declarar funcionário público, confessa seu despreparo para o sofrimento: “Todo homem, ao atingir certa idade, pode perfeitamente enfrentar a avalanche do tédio e da amargura, pois desde a meninice acostumou-se às **vicissitudes**, através de um processo lento e gradativo de dissabores”¹. Ao falar desse processo natural a todos os homens, afirma: “Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude”². Em seguida, anuncia “Um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos, no espelho da Taberna Minhota.”³.

É no momento em que o ex-mágico faz essa última declaração que surge a dúvida no leitor: Ora, afirmar que foi atirado à vida dessa maneira e que, por isso, não pôde se acostumar às vicissitudes da vida tem exatamente que sentido? Aliás, deve-se atribuir um sentido literal e exato às afirmações? Todorov afirma que não: “o fantástico implica pois não só a existência de um acontecimento estranho, que provoca uma vacilação no leitor e o herói, mas também uma maneira de ler, que no momento podemos definir em termos negativos; não deve ser nem ‘poética’ nem ‘alegórica’.”⁴

Assim, ao ler o conto, como se verá adiante, o leitor poderá interpretar que tal origem se deu no sentido de o mágico, suponha-se, numa visita ocasional à Taberna Minhota, notar-se diante de um espelho e, a partir daí, obter um novo olhar para o seu estar na realidade – causando-lhe a consciência de que lhe falta um

¹ Rubião, 2010, p. 21, grifou-se.

² idem.

³ idem.

⁴ Todorov, 1939, p. 38.

sentindo existencial ou ontológico para o seu perceber-se no mundo. Além desse modo de interpretação, o interlocutor pode entender também que houve uma “concepção mágica” a partir do espelho. Essa leitura poderia ser reforçada com o fato posterior a esse aparecimento, no qual o dono do restaurante é retirado do bolso do mágico, não havendo uma explicação lógica para a ocorrência.

Desse modo, tal como já explicou Todorov, o fantástico ocorre justamente no momento de hesitação sentido diante de uma ocorrência da narrativa, seja pelo personagem, seja pelo leitor. Não há, assim, como decidir se a ocorrência é de natureza sobrenatural ou se se trata somente de uma influência dada pela percepção do personagem, produzindo-se, assim:

[...] um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. [...] ou se trata de uma ilusão, [...] ou então o acontecimento realmente ocorreu [...]. O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.⁵

Não é possível determinar, portanto, características nem vivências anteriores ao surgimento do mágico diante do espelho daquela Taberna, afinal o próprio autor se utiliza de mecanismos textuais para que isso não ocorra.

4 OS EFEITOS DA NÃO SIGNIFICAÇÃO

Agora, tendo em vista haver uma hesitação relativa ao surgimento do mágico, não havendo, por isso, uma determinação exata relativa a seu passado, cabe analisar quais os **traços** bem como os **efeitos** desse modo de gênese.

Como já se mencionou, o mágico percebe o mundo como tedioso, nasce cansado e não tem ânimo de vida, o que lhe traz questionamentos sobre si mesmo. Um de seus questionamentos iniciais, os quais voltarão de outra forma na narrativa, é sobre a sua existência. Depois de o dono do restaurante lhe perguntar sobre como o havia retirado do bolso, já se pode notar a dúvida, possivelmente existencial, a que

⁵ Todorov, 2012, p. 30-31.

o mágico está sujeito: “O que poderia responder, nessa situação, uma pessoa que não encontrava a menor explicação para a sua presença no mundo?”⁶.

Dessa forma, se a incerteza relativa a seu surgimento no mundo causa o estranhamento no leitor, no mágico isso tem efeitos ainda maiores, pois lhe mostra uma lacuna em sua vida, pois o início dela, mesmo que o leitor escolha uma explicação para tal começo, se inicia naquele olhar para o espelho. Por isso, sendo uma lacuna, uma forma de entender o sentimento do mágico quanto a sua gênese se aproxima de uma significação ausente, ou de uma não significação. Daí, pode se lembrar, como afirma Irleamar Chiampi, que

[...] o efeito psicológico produzido no discurso fantástico é o temor do não sentido: o leitor representado é a figuração da perplexidade diante de uma significação ausente. Observa Irene Bessièrre que o esvaziamento da significação no fantástico provém de sua antinomia constitutiva.⁷

Esse efeito, segundo Todorov, existe na medida em que se considera tanto a linguagem figurada quanto a denotativa. Daí, no que se refere à significação ausente, reforçando com mais exatidão, é no olhar para o espelho pela primeira vez que, além de o efeito fantástico se concretizar, a visão de mundo do mágico e o modo como ele se percebe como indivíduo se concretizam.

A existência proporcionada por essa natureza de gênese parece se assemelhar ao modo como Umberto Eco encara a reflexão a partir do espelho: é dolorosa. No ensaio *Sobre os espelhos*, o autor afirma que, diante desses objetos, ao se apurar que se tem uma imagem especular, parte-se do princípio de que eles mostram a verdade, pois, além de não se preocuparem em reverter a imagem, como faz a fotografia, também não fazem uma tradução da realidade. Desse modo, os espelhos conseguem atingir as coisas como elas são, inclusive de modo “desumano”, retirando, por mais doloroso que seja, toda e qualquer ilusão sobre quem se olha nele.

Já Guimarães Rosa, em seu conto chamado “O espelho”, levanta dúvidas acerca desse objeto, algo que lembra O Horla, em que a ciência da época muito influenciou no que seria refletido nesse escrito. Há, ao contrário do que Murilo Rubião imagina no conto em análise, o deslumbramento de uma realidade que é

⁶ Rubião, p. 2010, p. 21.

⁷ Chiampi, 1980, p. 56

enganosa não por si só, mas por causa dos sentidos, sendo os olhos a porta para o engano. Num determinado momento da história, o personagem diz

Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era – o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair na poltrona.⁸

Com isso, percebe-se que há uma espécie de desintegração do ser, já que ele não se nota diante do espelho, sua imagem não aparece. Em seguida, ao se olhar nesse instrumento, a imagem vista não é a atual, mas a de quando era menino, o que sugere que o espelho pode ser um objeto que reflete além do imediato, podendo transpor o tempo.

Por outro lado, no conto O espelho de Machado de Assis, esse objeto faz uma captura do aspecto social da realidade e o insere no sujeito, o que este autor chamou de esboço de uma nova teoria sobre a alma humana. Assim: “Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”⁹.

Há, dessa maneira, no alferes, personagem que se olha no espelho, o reconhecimento de si a partir da imagem que lhe foi dada por quem lhe rodeava, sendo que, quando não havia mais essa referência exterior, a negatividade e o desespero tomavam conta do personagem, pois o que era exterior se tornou interior

Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. [...] Era exclusivamente alferes.¹⁰

Como diz o próprio alferes, a volatilidade da juventude juntamente com o tratamento enaltecido que lhe conferiam eliminaram o homem, dando lugar somente à imagem de sua função social. Isso demonstra, pela perspectiva de Alfredo Bosi, que “O espelho’ é matriz de uma certeza machadiana que poderia

⁸ Rosa, 1972, p. 76.

⁹ Assis, 2010, p.

¹⁰ Assis, 2010, p. 93

formular-se assim: só há consistência no desempenho do papel social; aquém da cena pública a alma humana é dúbia e veleitária.”¹¹

Essa forma de encarar o olhar ao espelho parece não ser exatamente a que é figurada por Murilo Rubião. Depois de tentativas de suicídio, agora funcionário público, diz que “sendo diminuto meu serviço, via-me na contingência de permanecer à toa horas a frio. E o ócio levou-me à revolta contra a falta de um passado”¹². Isso remete ao que foi dito anteriormente sobre a não significação, pois aquele surgimento parece sempre conduzir a uma falta de referência própria. Assim como lembra Mircea Eliade,

Se observarmos o comportamento generalizado do homem arcaico, nós nos veremos diante do seguinte fato: nem os objetos do mundo externo, nem os atos humanos, falando de maneira apropriada, têm qualquer valor autônomo intrínseco.¹³

O autor completa dizendo que os objetos e atos, para o homem arcaico, se tornam reais no momento em que “o objeto surge como receptáculo de uma força exterior que o diferencia de seu próprio meio, e lhe dá significado e valor”¹⁴. Ao contrário desse modo de ver a realidade, o mágico observa em si a falta de qualquer valor autônomo, inclusive para a sua mágica, que sempre se manifesta de modo aleatório

Se, distraído, abria as mãos, delas escorregavam esquisitos objetos. A ponto de me surpreender, certa vez, puxando da manga da camisa uma figura, depois outra. Por fim, estava rodeado de figuras estranhas, sem saber que destino lhes dar.¹⁵

Se, n’O Espelho de Machado de Assis, o olhar para o espelho “não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra”¹⁶, causando uma substituição e uma dependência, o olhar em direção a tal objeto, em Murilo Rubião, parece se diferenciar, pois não cria uma difusão, mas causa sempre uma não significação.

¹¹ Bosi, Alfredo apud Nascimento, Edna Maria F. S. e Leonel, Maria Célia, p. 279.

¹² Rubião, 2010, p. 25.

¹³ Eliade, 1992, p. 1

¹⁴ Eliade, 1992, p. 12.

¹⁵ Rubião, 2010, p. 22.

¹⁶ Assis, 2010, 96.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve-me; porque eu sou desvalido e pobre”. É o texto do versículo I do capítulo 85 dos Salmos que funciona como epígrafe para o conto estudado. Tal como em um texto bíblico, o narrador parece fazer uma confissão de sua condição atual, a de funcionário público, a qual foi baseada em "um saldo de três anos de vida"; assim, tendo a mínima esperança de auxílio, “Nada fazia. Olhava para os lados e implorava com os olhos por um socorro que não poderia vir de parte alguma”¹⁷.

Desse modo, embora tal condição seja proveniente da não referência e da não significação, ainda há a possibilidade de uma reversão do sentimento de tédio e amargura. No entanto, essa reversão, como o próprio agora funcionário público prevê, não virá dos arredores, do exterior, mas prioritariamente do interior. Isso porque, já no fim da narração, há sinais de que houve uma significação interna da realidade do mágico. Como mágico, enquanto fazia suas apresentações com sucesso, retirando palmas da plateia, não conseguia ver sentido nos arredores, e permanecia indiferente a todos, inclusive às crianças

O gerente do circo, a me espreitar de longe, danava-se com a minha indiferença pelas palmas da assistência. Notadamente se elas partiam das criancinhas que me iam aplaudir nas matinês de domingo. *Por que me emocionar, se não me causavam pena aqueles rostos inocentes, destinados a passar pelos sofrimentos que acompanham o amadurecimento do homem?* Muito menos me ocorria odiá-las por terem tudo que ambicionei e não tive: um nascimento e um passado. ¹⁸

Além de não ver sentido nos arredores, não via sentido também para o sofrimento, ou melhor dizendo, não o significava. A questão relativa a esse sentimento foi trabalhada por Mircea Eliade em seu livro *O mito do eterno retorno*, no qual afirma que todas as culturas deram significado para essa dor, estando inclusive vinculada às divindades, escreve o historiador

Embora o mundo antigo não nos apresente em parte alguma uma fórmula tão explícita como a do carma para explicar a normalidade do sofrimento, em todo lugar encontramos nela uma tendência igual, no sentido de dar ao sofrimento e aos acontecimentos históricos um ‘significado normal’.¹⁹

¹⁷ Rubião, 2010, p. 22.

¹⁸ Rubião, 2010, p. 22.

¹⁹ Eliade, 1992, p. 101.

Dessa forma, ao imaginar, no fim do conto, uma realidade que poderia ter sido possível, o mágico parece ter se modificado, quer dizer, seu despreparo para o sofrimento já não existe mais nem pode ser justificado, haja vista ter passado pelas tais vicissitudes as quais diz que todo homem está destinado a passar, mas que ele não teve a “oportunidade” de passar, visto que foi jogado à vida sem pais, infância ou juventude. E é aí que está: o arrependimento de um passado não concretizado parece funcionar como um caminho para a reflexão e para a significação de sua realidade

Por instantes, imagino como seria maravilhoso arrancar do corpo lenços vermelhos, azuis, brancos, verdes. Encher a noite com fogos de artifício. Erguer o rosto para o céu e deixar que pelos meus lábios saísse o arco-íris. Um arco-íris que cobrisse a Terra de um extremo a outro. E os aplausos dos homens de cabelos brancos, das meigas criancinhas.²⁰

Tendo tido noção de sua existência num contexto sem significação, muito embora percebesse a vida genealogicamente como tediosa, o espelho lhe possibilitou o que é peculiar à visão por meio dele: um olhar amplo do que lhe estava ao redor e de si próprio, olhar o qual lhe causou uma dúvida acerca de sua falta de passado e, conseqüentemente, uma reflexão acerca dele. Ora, se foi previsto a Narciso que viveria enquanto não se olhasse no espelho, no caso do mágico, agora um ex-mágico, o seu olhar o levou a enxergar uma lacuna em si e, a partir daí, a emancipação quanto a sua condição indesejada.

Os gregos viam no reflexo uma fecundidade, sendo que a reflexão conduziria a respostas novas. Quando Perseu foi posto a enfrentar a Medusa, foi com um olhar indireto, quer dizer, com o olhar refletido no escudo, que conseguiu vencer a luta. Na reflexão proporcionada ao mágico, o que conseguiu foi um novo olhar sobre a vida, que, embora inicialmente tedioso, lhe revela potencialidades.

²⁰ Rubião, 2010, p. 26.

REFERÊNCIAS

RUBIÃO, Murilo. *Obra completa*. Companhia das Letras. São Paulo.

TODOROV, Tzevetan. *Introdução à literatura fantástica*. 3º ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ASSIS, Machado de. *Contos*. São Paulo: Objetivo, 2010.

ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. de Beatriz Borges, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1954. Disponível em:

http://inspirasi.co/jbcontents/14265243278299750_o_mito_do_eterno_retorno.pdf.

Acesso em: 22 de junho de 2015.

NASCIMENTO, Edna Maria F. S. e LEONEL, Maria Célia. Frente a “O espelho” de Machado e de Guimarães Rosa. Disponível em:

<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/44/40>. Acesso em: 22 de junho de 2015.